

## ACABARAM-SE AS MATINÊS DE DOMINGO

LENNY GROSSMAN

Sempre gostei de cinema, desde garoto. Ia sempre às matinês de domingo no cinema Monroe, ver filmes como *Se Meu Fusca Falasse* e *Um Astronauta Fora de Órbita*. Então, quando fiz dez anos, em 1970, meus hormônios se manifestaram com vontade.

Aprontei umas confusões (o que naquele tempo significava colocar fogo em gasolina na rua e roubar gibis) e meu gosto por cinema mudou. Não me contentava mais com filmes da Disney, mas ainda não podia assistir a filmes proibidos para menores.

Foi quando começaram a aparecer na televisão as chamadas para Operação França. Eram sensacionais, cheias de vigor e mexiam com a minha testosterona. Aquele filme era mesmo coisa de homem. Mas eu ia perdê-lo porque não tinha idade suficiente. Lembro bem quando meu pai e meu irmão mais velho, Peter, foram ver o filme. Era uma noite gelada e eles disseram:

- Vamos chegar tarde.

Operação França rompeu barreiras. A perseguição de carro era ousada, nervosa e emocionante, como nunca se vira antes.

Gene Hackman, no papel de Popeye Doyle, estava distante daqueles policiais certinhos a que estávamos acostumados. Fazia um detetive novaiorquino, um anti-herói desbocado, racista e raivoso (o filme depois receberia vários Oscar: melhor filme, diretor, ator, roteiro e edição). Eu era fanático por cinema e sentia que estava perdendo uma coisa histórica. Enquanto Peter se divertia com papai, eu estava destinado a ter outra noite monótona em casa, com mamãe e Steven, meu irmão mais novo.

Quando os dois chegaram, expressaram o que eu já sabia. O filme era sensacional. Hackman era fantástico! Ah, como eu queria ser mais velho e poder...

- Você quer ir ver o filme, Leonard?

"Era mesmo meu pai que tinha acabado de dizer aquilo? Eu tinha ouvido direito?" A confirmação veio em um segundo, de minha mãe.

- Ed, você acha mesmo que ele deve ver o filme?

"Ah, mamãe, não acabe com a minha chance. Não plante a semente da dúvida. Fique calada só mais um pouquinho, até que eu consiga arrancar uma promessa." Então as doces palavras vieram e, com elas, caiu a resistência.

- Não vejo por que não. Acho que ele já tem idade para esse tipo de filme. Podemos ir amanhã à noite.

- Mas você foi hoje com Peter. Vai ver de novo amanhã?

Meu pai olhou em minha direção. Com certeza viu meus olhos cheios de ansiedade e expectativa.

- Claro, por que não? - ele disse.

- Yes! - gritei, pulando no ar.

Na noite seguinte, eu mal conseguia jantar. Não via a hora de sair e ver o filme que imaginara que só meu irmão seria autorizado a ver.

- Leonard, se você não comer alguma coisa, vai ficar com fome no cinema - papai disse, rindo consigo mesmo.

Finalmente o jantar acabou. Vestimos nossos casacos e nos dirigimos à porta. Meu pai sorriu e avisou:

- Vamos chegar tarde.

Entramos no carro e senti o cheiro da colônia Old Spice de papai. Estava muito frio, mas o carro ficou quentinho logo que ele ligou o aquecimento. Podia perceber o amor que ele tinha por mim. Aquele era um tempo que teríamos só para nós dois.

Mesmo tendo visto o filme na noite anterior, papai ia me levar ao cinema. Nem esperou que algumas semanas se passassem.

Naquele tempo, esse tipo de filme era proibido para menores de doze anos. Eu parecia ter mais idade, mas meu pai ainda deu uma gorjeta para a moça da bilheteria para não termos problema na hora de entrar. Operação França era ainda melhor do que eu esperava, o filme mais excitante que já tinha visto. E o mais adulto.

Quando chegamos em casa depois da sessão, virei para meu pai e o olhei longamente. Queria que soubesse como me fizera feliz, como fora maravilhoso ele pensar em mim como adulto (pelo menos de alguma forma), mas tudo que consegui dizer foi:

- Obrigado por me levar, papai.

Ele me envolveu com seus braços fortes e ficamos assim num abraço apertado, mais longo do que o normal.

- O prazer foi todo meu! - ele disse.

E foi.

Depois desse dia, meu pai e eu íamos sempre ao cinema, só nós dois. A censura dos filmes perdeu a importância. Eu tinha visto um, podia ver todos. Meu rito de passagem se completara.

Quando fiz quinze anos, as coisas mudaram um pouco e passei a ir mais ao cinema com meus amigos do que com meu pai.

Em 1975, Peter, eu e dois amigos ficamos duas horas na fila para assistir a Tubarão. Voltei para casa agitadíssimo por causa disso. Que filme sensacional! Ainda me lembro de meu pai se lamentando porque nós, os adolescentes, não o deixáramos ir conosco ao que ele chamou de "evento". Minha mãe não o acompanharia de jeito nenhum e, certamente, ele não iria sozinho. Agora ele era o pai, e adolescentes realmente não querem saber de pais por perto quando vão ao cinema em grupo.

- Olha, papai - eu disse. - Você quer ir ver o filme?

Ele me pareceu um pouco surpreso.

- Claro, vou adorar.

- Tudo bem, nós vamos. Amanhã à noite. Só você e eu.

- Que máximo - ele disse, virando-se para que eu não percebesse que estava rindo de orelha a orelha.

Na noite seguinte ficamos duas horas na fila para ver Tubarão. E, dessa vez, fui eu que tive o prazer de "levar" meu pai ao cinema. O prazer foi todo meu.